

O tratamento da melancolia segundo Étienne Binet (1627)

Paulo José Carvalho da Silva *

Resumo: A literatura seiscentista sobre a melancolia não dissociava aspectos biológicos e psicológicos, assumindo, inclusive, tanto a hipótese de uma causa orgânica como a de uma causa afetiva. Entretanto, a teoria dos temperamentos de Galeno era amplamente aceita, mesmo no discurso de moralistas e teólogos sobre os males melancólicos. Os jesuítas posicionaram-se nessa tendência sem, contudo, incorrer numa visão exclusivamente materialista dos acidentes e patologias da alma. É o caso do jesuíta francês Étienne Binet (1569-1639) que propõe um procedimento psicológico para remediar esse mal que afetava corpo e alma. Este trabalho propõe analisar o tratamento da melancolia apresentado por Binet em sua obra *Consolation et réjouissance pour les malades et personnes affligés* (1627), reinscrevendo-o na história da psicologia e da medicina da época.

Palavras-chave: melancolia; tratamento médico; consolação; jesuítas; Binet, Étienne

The treatment of melancholy according to Étienne Binet (1627)

Abstract: The Seventeenth-Century literature on melancholy didn't dissociate biological and psychological aspects of it, assuming at the same time an organic cause as well as an affective one. Nevertheless, Galen's theory of temperaments was broadly accepted even by moralists and theologians. The Jesuits also disseminated this main medical tradition, without however reinforcing its exclusive physical deterministic approach to the soul's accidents and pathologies. This is the case of the French Jesuit Étienne Binet (1569-1639). This paper discusses Binet's treatment for melancholy, prescribed at his work named *Consolation et réjouissance pour les malades et personnes affligés* (1627), establishing relations to the history of psychology and medicine of those times.

Key-words: melancholy; medical treatment; consolation; Jesuits; Binet, Étienne

* Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984. Perdizes, São Paulo, SP, CEP 05015-901. E-mail: paulojcs@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em obras da Idade Moderna (séculos XVI e XVII), a melancolia é explicada por meio de uma síntese de saberes sobre o mundo natural, psicológico e espiritual. Havia quem a identificasse a um humor corporal, a chamada bile negra (*melanê kolé*), a uma disposição puramente afetiva ou ainda a uma espécie de contínuo entre tendência psicofísica e perturbação da alma, não sem conseqüências para a espiritualidade. Por essa razão, trata-se de um objeto que é também um ponto de partida para uma reflexão sobre as relações entre diversos campos do saber, em especial sobre a medicina, a psicologia e a religião.

Essa característica composta e ambígua atribuída ao que se chamava de melancolia era, em grande parte, uma herança da Antigüidade. No *Aforismo* (VI-23), o médico grego Hipócrates (c. 460-377 a.C.) afirma que quando o temor e a tristeza persistem um longo tempo, trata-se do estado melancólico. O que foi retomado por Cláudio Galeno (129-199) que, apesar de afirmar, no *De locis affectis* (III, X), que a essência da melancolia pode ser o medo da morte, enfatiza a determinação da chamada crase humoral, portanto, da compleição corporal, nas manifestações melancólicas.

Para os médicos fiéis às orientações da tradição hipocrático-galênica, em especial, às teses expressas no *As almas seguem os temperamentos do corpo*, de Galeno, os afetos seriam decorrentes dos diferentes temperamentos, por sua vez, determinados por qualidades físicas, atribuídas à matéria, a saber: frio, calor, secura e umidade (Martins, Carvalho da Silva, Mutarelli, 2008). Os melancólicos, em específico, teriam um suco corporal no qual predominam as qualidades fria e seca, fazendo com que apresentem um comportamento marcado pela tristeza e pelo temor.

Segundo V. Barras, T. Birchler, A.-F. Morand, na introdução ao *As almas seguem os temperamentos do corpo* (Galeno, 1995), pode-se traduzir o verbo “seguir” (*hepesthai*) nessa afirmação do médico das seguintes formas: as faculdades da alma são unicamente determinadas pelos temperamentos do corpo, elas são influenciadas por eles ou elas apenas os acompanham. Entretanto, apesar do uso, talvez estratégico, de um termo tão ambíguo, a primeira e mais radical interpretação parece ser sustentada por Galeno ao longo dessa obra.

Acontece que a tristeza era considerada tanto a causa da melancolia, como um de seus sintomas, o que se lê nos mais diversos discursos sobre as psicopatologias e sobre os afetos produzidos na Idade Moderna, como o *Anatomia da melancolia* do inglês Robert Burton (1577-1640) ou os *Discursos sobre a conservação da visão, das enfermidades melancólicas, do catarro e da velhice* do médico dos reis da França, André Du Laurens (1558-1609). Por outro lado, alguns médicos defendiam, de modo geral, que as faculdades da alma, responsáveis pelos afetos e mesmo pela razão, dependem da qualidade do temperamento, em especial da constituição do cérebro, como afirma, por exemplo, o médico da universidade de Salamanca, Huarte de San Juan (1529?-1588) no célebre *Examen de ingenios*.

Certa convivência livre entre noção psíquica e noção física da melancolia tornou-se lugar-comum nas artes e ciências do Renascimento, conjugando, inclusive, influências da astrologia médica e preocupações com o sobrenatural (Klibansky, Panofsky e Saxl, 1964). Entretanto, do ponto de vista dos defensores e renovadores da psicologia aristotélico-tomista, o problema de assumir as explicações humorais para a melancolia residia em aceitar o determinismo material do corpo sobre a alma.

Retomando categorias fundamentais da psicologia aristotélica, extraídas de uma leitura cristã do *De anima* de Aristóteles, na *Summa contra gentiles*, Tomás de Aquino (1225-1274) refuta a possibilidade da essência da alma coincidir com as qualidades do corpo. Em primeiro lugar, porque as operações da alma excederiam as qualidades ativas e passivas que regem o temperamento. Em segundo lugar, porque o temperamento seria constituído de qualidades contrárias e a alma de forma substancial e não accidental, não admitindo, portanto, contrários em si mesma. Terceiro, porque a alma moveria o animal em todas as direções e o temperamento não possui esta propriedade. E, finalmente, porque a alma regeria o corpo e resistiria às paixões que brotam do temperamento.

Nos tempos da Reforma e da Contra-Reforma, os tratados espirituais referiam-se a melancólicos torturados por aflições interiores supostamente causadas pelo excesso de bile negra. Muitos, por sua vez, identificavam melancolia e tristeza, tratando-a como um mal essencialmente moral. Outros ainda conjugavam categorias humorais e das doutrinas sobre os afetos, de matriz propriamente aristotélico-

tomista, sem contudo, compactuar com a hipótese da soberania do temperamento do corpo (predominância de um humor) na determinação do caráter moral. Essa parece ter sido a posição assumida pelos pregadores e professores de filosofia e teologia da antiga Companhia de Jesus (1540-1773), como é o caso do jesuíta francês Étienne Binet (1569-1639).

2 A MELANCOLIA SEGUNDO OS PRIMEIROS JESUÍTAS

Antes de analisar o pensamento de Binet, é necessário compreender minimamente a complexidade e a riqueza dos usos dos discursos sobre os temperamentos (e sobre a melancolia) produzidos no âmbito da antiga Companhia de Jesus e, em particular, dentro do gênero das obras de consolação.

Os jesuítas dos séculos XVI e XVII fizeram um uso da noção de quatro temperamentos integrado com a psicologia aristotélico-tomista em diferentes gêneros de práticas que visavam à saúde, à seleção e ao aprimoramento das atividades pastorais e missionárias dos membros da Ordem (Massimi, 2000). De modo geral, essas práticas derivavam das teses sobre a alma debatidas no âmbito acadêmico, como, por exemplo, os vários comentários ao *De anima*, à *Ética* e ao *Parva naturalia* de Aristóteles, produzidos no final do século XVI em importantes centros de ensino da Companhia, como o Colégio Romano ou o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, em Portugal. Em síntese, ficou decidido que as paixões ou afetos teriam duas causas: uma formal, o impulso da alma; e outra material, uma alteração orgânica. Assim, dentro dessa especificação (causa material), encaixava-se a categoria de temperamentos, tal como desenvolvida na longa tradição da medicina humoral hipocrático-galênica.

Trata-se, portanto, de uma interpretação da noção de temperamento, submetida justamente a categorias fundamentais da psicologia aristotélica, como a soberania da razão na alma saudável, reforçadas por princípios teológicos de máxima importância para o catolicismo pós-tridentino, sobretudo, a noção de livre-arbítrio, calcado na idéia de escolha racional e voluntária.

No início do século XVII, essa posição intelectual já estava definida no interior da Companhia e o padre geral Claudio Acquaviva (1542-1615), que dirigiu a Companhia desde 1581 até sua morte em

janeiro de 1615, não apenas a endossou, como se esforçou para difundi-la de Roma para os postos mais longínquos assumidos nas missões jesuíticas. Em uma importante e amplamente difundida coleção de instruções chamada *Industriae pro superioribus eiusdem Societatis, ad curandos animae morbos* (1600), ou seja, *Indústrias para os superiores da Companhia para a cura dos males da alma*, Acquaviva defende que o tratamento conveniente de um doente depende do conhecimento preciso da qualidade da doença e da compleição do corpo do enfermo, isto é, seu temperamento. Entretanto, ele sustenta que os religiosos devem superar a condição dada pelo temperamento, portanto pela composição natural do corpo, e manterem suas almas na perfeita harmonia para que foram criadas. Essa orientação vale para os diferentes males psíquicos que podem acometer os religiosos, entre outros: perda do desejo pelo trabalho ou indisposição para as relações interpessoais, hipocondria e mesmo melancolia.

3 A CONSOLAÇÃO DO MELANCÓLICO

No domínio da filosofia antiga e, sobretudo, da oratória latina, produziu-se uma abundante literatura de consolação, tais como cartas, tratados e manuais com instruções sobre como confortar uma pessoa em sofrimento por causa da perda de uma pessoa querida, de prisão ou exílio. Os termos da consolação dependiam da escola filossófica a qual pertencia o consolador, o que forneceu as bases para uma diversidade de práticas e de gêneros de escritos consolatórios.

A interpretação cristã da consolação passou a englobar a assistência daqueles que sofriam de limitações físicas e mentais, dor, ansiedade, desolação espiritual, dificuldades com o trabalho cristão, perseguições, iminência da morte ou o medo da mesma (Jackson, 1999). Entre os séculos XVI e XVII, a tradição ganhou novo impulso e a prática da consolação despontou como uma das mais importantes modalidades de terapêutica da alma (Macdonald, 1981).

Até Thomas More (1478-1535) escreveu um diálogo de consolação: o *A dialogue of comfort against tribulation*. Escrito, provavelmente, durante o tempo que esteve encarcerado na Torre de Londres, o livro consiste em mais de trezentas páginas de diálogos entre o consolador Anthony e o aflito Vincent, que sofre a ameaça da invasão turca na Hungria. Eles conversam sobre a necessidade da paciência e da confi-

ança em Deus quando do medo e do sofrimento da dor física, da perda de bens, da perda dos amigos, das perseguições, da prisão e de outras misérias humanas.

Como a melancolia implicava, na maioria das vezes, tristeza e temor, foram produzidos, na época, livros ou parte deles com o objetivo de consolar os melancólicos. Dentre as mais diversificadas obras consolatórias escritas por jesuítas, vale citar o *Consolação e remédio para os escrúpulos* do influente jesuíta espanhol Juan Eusébio Nieremberg (1595-1658) que aborda os efeitos da melancolia na imaginação e no julgamento; o *As consolações da filosofia e da teologia* de René de Ceriziers (1603-1662), que retoma explicitamente *A consolação da filosofia* de Boécio (ca. 480-524) e propõe um diálogo ao longo do qual o melancólico e atormentado Celestin é tratado pela personificação da Sabedoria, por meio de argumentos filosóficos e, sobretudo, preceitos teológicos; ou ainda o *Alívio de queixosos na morte dos que amaram em vida, e como se hão de consolar, e haver em seu estado, os que enviuvaram*, do professor de filosofia e instrutor de religiosos em Coimbra, Évora e Lisboa, João da Fonseca (1632-1701), dedicado ao conforto e orientação das pessoas enlutadas, que muitas vezes adoeciam de melancolia.

O *Consolation et réjouissance pour les malades et personnes affligés* de Étienne Binet foi publicado pela primeira vez em Pont-à-Mousson, na região da Lorraine, em 1617.¹ Binet nasceu em Dijon, em 1569, e parece ter feito seus estudos no Colégio de Clermont. Tornou-se jesuíta em 1590, assumindo cargos de responsabilidade dentro do ramo francês da Companhia, além de ser professor, pregador e diretor espiritual. Morreu em Paris em 1639. Conforme lembra Claude Louis-Combet (Binet, 1995), a maior parte de sua extensa obra pertence ao gênero hagiográfico ou pastoral, abordando exemplos edificantes, com exceção do *Essai des merveilles de nature, et des plus nobles artifices* (1621) que oferece, ao bom orador, informações sobre os assuntos mais variados, da história natural às artes, sobre, por exemplo: animais, flores e frutos, cavalaria, caça e pesca, jardinagem, ar-

¹ Nesta pesquisa, utilizamos a edição moderna publicada por Claude Louis-Combet, pela casa editorial Jérôme Millon, de Grenoble, a partir de texto retirado do *Recueil des oeuvres spirituelles du P. Estienne Binet*, publicado na cidade de Rouen, em 1627.

quietura, tecelagem, farmácia, vinhos, música, etc. Sobre a consolação dos aflitos e enfermos, Binet ainda escreveu o *Consolation des âmes désolées et qui sont dans les aridités et abandonnements*, publicada em Paris, em 1626, e o *Remèdes souverains contre la peste et la mort soudaine*, publicada pela primeira vez em Besançon, em 1628.

No *Consolation et réjouissance*, o tratamento para vários males da alma é exposto na forma de um diálogo entre um consolador e um enfermo. O enfermo apresenta questões e problemas e, em seguida, recebe respostas, que podem dar início a uma dinâmica de objeções e contra-argumentações. Os temas abordados incluem enfermidades e deficiências como a gota, a cegueira, a surdez, a hipocondria, as febres e a melancolia, ou ainda as aflições por causa do medo da morte, de imaginações desordenadas e dúvidas espirituais.

Em particular, o diálogo sobre a consolação da melancolia começa da seguinte maneira:

O enfermo: A melancolia me mata.

O consolador: Faça melhor, mate-a você mesmo e saia ganhando: há mil maneiras de massacrá-la. Cante e louve a Deus a despeito dela, você a fará enraivecer-se e fugir [...]. O coração pleno de Deus é vazio de tristeza; e o espírito possuído pelo pesar, freqüentemente, é vazio de Deus e de suas graças, ao menos, de suas doçuras. Você terá vontade de rir e de caçoar de si mesmo se atentar para o que o torna melancólico (Binet, [1627] 1995, p. 91).

Antes de mais nada, Binet é um consolador espiritual e, cumprindo sua função de padre jesuíta, propõe fortalecer a fé por meio das práticas de piedade enquanto medicina da alma para combater a melancolia. Entretanto, é interessante notar que aparece, em sua argumentação, logo de início, um ponto em comum com a medicina e com a filosofia, que é justamente procurar pela causa da melancolia para poder remediá-la. Ele sugere que o enfermo, ao empreender essa investigação, não apenas resista, mas reaja a um mal reputado minar as forças físicas e intelectuais, e mais ainda, que se torne sujeito de seu próprio processo de cura, responsabilizando-se por ela, ao invés de acomodar-se ao lugar de vítima, presa fácil da enfermidade.

Desde os modelos antigos da tradição estabelecidos por Cícero (106-43 a.C.), Sêneca (4 a.C.-65) ou Plutarco (46-120), o procedimento consistia em moderar o sofrimento por meio da razão. Em geral, isso

era feito pondo-se em dúvida o caráter natural e racional ou da representação ou do julgamento sobre o objeto suposto ameaçador e nocivo. Com isso, colocava-se a suposta causa da tristeza numa proporção, minimizando a sua dimensão. É exatamente o que faz Binet ao dizer ao melancólico que qualquer que seja o motivo de sua tristeza, ele não merece nenhum crédito, pois a única coisa realmente capaz de incomodar o cristão deveria ser o pecado e nada mais. Assim, o remédio consiste em desprezar a melancolia: “Despreze a melancolia, e ela estará perdida, tema-a e lhe dê crédito, ela corroerá o coração e limará sua vida” (Binet, [1627] 1995, p. 92).

É necessário mostrar-se superior às perturbações da alma para não perder a serenidade. Se, de fato, o que ataca o indivíduo é algo significativo, esse deve reagir bravamente. Em suas palavras: “enrijeça todos os nervos de seu espírito e combata rudemente a infelicidade, derrubando-a aos seus pés e louvando a Deus na vitória” (Binet, [1627] 1995, p. 93). Aliás, essa metáfora dos “nervos enrijecidos” tornou-se, no final do século XVII e, sobretudo, no século XVIII, um constructo teórico de enorme importância para a compreensão das dinâmicas afetivas (Ochs, 2004). Na perspectiva de Binet, os nervos pertencem ao espírito, isto é, são passíveis de serem controlados pela força do ânimo, mais especificamente pela vontade aliada à razão. Estão longe de ser considerados como uma causa corporal e mecânica das paixões.

O melancólico argumenta que sua disposição triste e odiosa decorre de seu humor, ou seja, de sua compleição natural. O consolador replica que sabe tratar-se de um conjunto de características naturais que escurecem, pesam e entorpecem o corpo, tanto quanto abatem o espírito, tornam sombrios os pensamentos e perturbam a imaginação. Ele sabe que essa compleição natural é regida pelo elemento terra, pelos líquidos negros. Entretanto, ele defende que não se deve adular o mal, sob pena de piorá-lo. Ao contrário, deve-se desprezá-lo, tratá-lo rudemente, o que permite aliviar-se e até mesmo mudar. Isto é, mesmo havendo um condicionante natural, ele não é totalmente determinante, há sempre a possibilidade de aderir ou não à tendência do temperamento melancólico:

Quando, por uma proeminência violenta, a melancolia escapa e se desenvolve, saindo de nós e nos surpreendendo, deixe-a correr, é

uma louca, não corra atrás, o que está feito, está feito: mas abandonar-se voluntariamente, condenar-se por si mesmo, tornar-se escravo oferecendo suas mãos ao julgo é não saber ser homem (Binet, [1627] 1995, p. 94).

A recomendação do consolador é que se domine a natureza. A melancolia pode ser tão feroz quanto um leão enraivecido que deverá ser devidamente contido numa jaula. Ele continua sua argumentação num tom provocativo:

Você é muito louco, perdoe-me, por favor, ao dizer que quando a sua casa está em chamas, você a assiste queimar sem jogar água: se é forçoso ser triste, seja, pelo menos, o mínimo possível. Não jogue mais óleo nas chamas que o consomem (Binet, [1627] 1995, p. 94).

Em poucas palavras, defender a responsabilidade moral sobre o estado da alma desencadeado na melancolia, sem com isso, negar os seus processos e condicionantes psicossomáticos previstos na teoria psicofísica dos temperamentos, é uma saída bastante significativa do ponto de vista da história das idéias e práticas psicológicas. O que Binet nega é a possibilidade do determinismo psicofísico que podia ser usado pelo próprio enfermo como uma espécie de resistência ao tratamento, entendido como uma medicina da alma realizada por meio do diálogo e que tinha a razão como principal remédio.

No diálogo, o personagem melancólico segue expondo outros obstáculos à cura. Entretanto, o que mais interessa aos propósitos deste trabalho é justamente tomar esse ponto em específico para mostrar a síntese e a interpretação da tradição empreendida por Binet. Sobretudo, porque se trata de um caso que nos faz lembrar que o estudo da história da ciência também deve incluir os destinos dos saberes que podem receber diferentes interpretações, deformações e ampliações conforme os discursos em que eles são retomados, adequando-os a distintas posições ideológicas, religiosas ou éticas.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ao Centre d'Anthropologie Religieuse Européenne, École des Hautes Études en Sciences Sociales (CARE-EHESS) de Paris e ao Centres Sèvres (Paris).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACQUAVIVA, Claudio. *Industriae pro superioribus eiusdem Societatis, ad curandos animae morbos. Institutum Societatis Iesu*. Florentiae: Typographia A. SS. Conceptione, [1600] 1893.
- BINET, Étienne. *Consolation et réjouissance pour les malades et personnes affligés en forme de dialogue*. Texte présenté par Claude Louis-Combet. Grenoble: Jérôme Millon, [1627] 1995.
- BURTON, Robert. *The anatomy of melancholy: what it is, with all the kinds, causes, symptomes, prognostickes and severall cures of it [...]*. Oxford: Cripps, 1638.
- CERIZIERS, René. *Les consolations de la philosophie et de la théologie*. Lyon: Hugueton, 1657.
- DU LAURENS, André. *Discours de la conservation de la vue, des maladies melancholiques, des catarrhes, & de la vieillesse*. Paris: Jamet Mettayer, 1597.
- FONSECA, João. *Alívio de queixosos na morte dos que amaram em vida, & como se hão de consolar, & haver em seu estado, os que enviuarão. Com exemplos accomodados às matérias de que tratta*. Lisboa: Manoel Lopes Ferreira, 1689.
- GALENO, Claudio. *L'âme et ses passions. Les passions et les erreurs de l'âme. Les âmes suivent les tempéraments du corps*. Tradução e notas de V. Barras, T. Birchler, A-F. Morand. Paris: Les Belles Lettres, 1995.
- . *Oeuvres médicales choisies II. Des facultés naturelles. Des lieux affectés. De la méthode thérapeutique, à Glaucon*. Trad. francesa de C. Daremberg. Paris: Gallimard, 1994.
- HIPÓCRATES. *De l'art médical*. Trad. francesa por E. Littré. Paris: Bibliothèque Classique, 1994.
- JACKSON, Stanley W. *Care of psyche. A history of psychological healing*. New Haven/London: Yale University Press, 1999.
- KLIBANSKY, Raymond; Panofsky, Erwin; Saxl, Friedrich Fritz. *Saturn and melancholy. Studies in the history of natural philosophy, religion, and art*. New York: Basic Books, 1964.
- MACDONALD, Michael. *Mystical bedlam. Madness, anxiety and healing in seventeenth-century England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; CARVALHO DA SILVA,

- Paulo José; MUTARELLI, Sandra Regina Kuka. A teoria dos temperamentos: do corpus hippocraticum ao século XIX. *Memorandum*, **14**: 09-24, 2008.
- MASSIMI, Marina. *La teoria dei temperamenti nei cataloghi dei gesuiti in missione in Brasile nei secoli XVI e XVII*. *Physis*, **37** (1): 137-149, 2000.
- MORE, Thomas. *A dialogue of comfort against tribulation*. London: Charles Dolman, [1573] 1847.
- NIEREMBERG, Eusébio. *Consolation et remedes pour les scrupules. Huitième partie des Heures de la journée Chrétienne*. Paris: Jean Boudot, 1692.
- OCHS, Sidney. *A history of nerve functions: from animal spirits to molecular mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- SAN JUAN, Huarte. *Examen de ingenios para las ciencias – em el qual el lector hallará la manera de su ingenio para escoger la ciencia en que más ha de aprovechar [...]*. Granada: Imprenta Real, 1768.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra los gentiles*. Edição bilingüe de Fr. J. M. Pla Castellano. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, Tomos I e II, 1952.